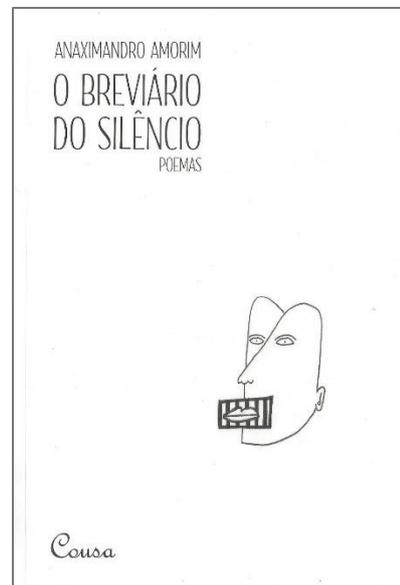


AMORIM, Anaximandro. *O breviário do silêncio*.
Vitória: Cousa, 2018.

Fabio Daflon*



Anaximandro Oliveira Santos Amorim (Vila Velha/ES, 1978) é advogado e escritor; Membro da Academia Espírito-Santense de Letras – AEL (cadeira 40, patrono Antônio Ferreira Coelho) desde 2010; Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo – IHGES, desde 2011; recebeu a Comenda Rubem Braga, importante distinção concedida ao escritor do Espírito Santo, pela Assembleia Legislativa, em 2015; entre suas obras publicadas, temos os livros: *Brasil ontem, hoje e sempre* (poemas, 1994), *Asas de cera* (infantojuvenil, 1995), *Concupiscência* (romance, 2003), *A história de um*

* Especialista em Estudos Literários pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

sobrevivente (memórias, 2010), *O livro dos poemas* (2013), *A máquina do tempo e outras histórias* (crônicas, 2014), *A vida depois da luz* (memórias, 2015).

O livro de poesia *O breviário do silêncio* possui posicionamento no tempo e no espaço que traduz o inconformismo do poeta com o contemporâneo e o leva a assumir um vínculo com os personagens simbólicos representativos do que ainda possamos sentir ou falar ou fazer ou escrever. É possível observar esse aspecto desde o início do livro, pois isso ocorre desde o primeiro poema, "Caim".

Aqui estou, Pai
Seu filho enfeitado pela eternidade
Aquele que carregará
Para sempre
Em seu ventre
Todos os males da Humanidade
Por que você me fez carne?
Por que você me deu o sopro da vida?
Por que você me faz essa maldade?
Pois não sou eu que existo
Apenas e tão somente
Segundo a sua vontade?
Nas minhas mãos
O sangue do meu sangue
Na minha testa
O selo do pecado
De nada valeu ter me arrependido
De nada valeu ter tanto chorado
Seu desejo era me ver maldito
Eu e toda a minha geração
E é do fruto da minha árvore
Que as piores coisas virão
É dela que sairá
Quem entregará seu filho amado
E é só por isso que eu existo:
Para ser o mal encarnado
Que fardo pesado, Pai
Que fardo pesado (AMORIM, 2018, p. 16).

Biblicamente, é impossível falar de Caim sem falar de Abel.

Pela fé, Abel ofereceu a deus um sacrifício melhor do que o de Caim. Por causa da sua fé, Deus considerou-o seu amigo e aceitou com agrado as suas ofertas. E é pela fé que Abel, embora tenha morrido, ainda fala" (Hebreus, 11,4).

Mas na literatura quem deu razão e motivação para os escribas tratarem de si foi Caim. Recordemos aqui Márcia Denser e José Saramago, autores dos livros *Caim* e *Caim: sagrados laços frouxos*, respectivamente. Saramago, em seu romance, desmistifica Caim ao reconhecer como inerente ao homem os crimes e pecados de Caim, entre os quais as pulsões sexuais mais agressivas; o Caim de Marcia Denser vaga pelas ruas sem princípio ou fim e nos faz lembrar versos de T. S. Eliot: “O que chamamos de começo costuma ser o fim / E fazer um fim é fazer um começo / O fim é o lugar de onde começamos”.

No poema “Caim”, a questão da identidade de Caim é outra: Caim é o personagem em que o autor se espelha para se situar no tempo e no espaço, e é no tempo presente enfeitado pela eternidade (“Aqui estou, Pai / Seu filho enfeitado pela eternidade”) que a prata do espelho se torna fardo ao compor a imagem da imprevisibilidade do tempo futuro (“Seu desejo era me ver maldito / Eu e toda a minha geração”); o Pai no poema talvez represente o olhar de todos sobre a geração atual (o autor tem quarenta anos), como se fosse passado à geração atual o bastão pessimista da distopia (com o fardo da utopia [“Que fardo pesado, Pai / Que fardo pesado.”]), elevado a único instrumento para a construção do presente com todas as consequências que possa ter no futuro (“E é do fruto da minha árvore / Que as piores coisas virão”).

“Caim” é o poema de abertura da primeira (“A desconstrução do Éden”) das quatro partes de *O breviário do silêncio*, na qual há outros poemas também merecedores de análise, porém o poema “Caim” nos parece ser o mais representativo da primeira parte.

Livro de grande individualidade onde, em vez de espelhos que se fecham e abrem a revelar reflexos, o que se abre e se fecha são portas e janelas, no ensejo de uma privacidade e de uma ausência dessa privacidade, quando o poeta admite estar exposto, isto é, admite ser impossível deixar de ser o que de fato é como artista e pessoa singular.

Sob o nome "O limite do mito", Amorim inicia a segunda parte do livro com o poema que dá título ao livro – "O breviário do silêncio" (p. 36). Embora *O breviário do silêncio* nada tenha da característica intimista de poetas imaturos e narcisistas primários, quando o eu lírico se expõe a uma nudez de desconchavo, faltante de beleza, nota-se que o poeta se expõe. Amorim escreve sobre a sua relação com um mundo que se sabe em desentendimento mútuo; e desnuda com pudor o eu profundo e a sua essência. O limite do mito é a presença do poeta, como se essa presença desse um limite ao mundo, ao mito, ao outro e ao próprio poeta, mas o fechar-se em copas é etéreo ("(Eu só quero o canto da sala) / Este etéreo fechar-se em copas"). cremos que a poesia do autor é capaz de dar direção ao vento em curva para que após a curva se leia a brisa dos poemas a fim de respirar ares mais puros e menos sufocantes do que os que vêm nos oferecendo o mundo da "cultura midiática" e o mundo em desordem imposta por confrontos de fundamentalismos e capitalismo selvagens e ditaduras marxistas e pós-marxistas. Note-se aqui a ausência de vulgaridade e falso naturalismo mesmo no que tange à abordagem do erotismo quando o erotismo se faz presente em seu livro, como exemplificado nos versos abaixo, já pertencentes à terceira parte do livro organizada sob o nome "A leveza e o peso".

O poema "O manual prático do erotismo" (p. 48-50) é dividido em vários subtítulos: "I – Do sexo e do erotismo"; "II – Da pornografia e do erotismo"; "III – Do singular e do plural"; "IV – Dos papéis"; "V – Do prosaico e do poético".

No subtítulo I do poema "O manual prático do erotismo", o poeta escreve:

Para se erotizar, não basta só fazer como os outros bichos.
Eles têm cio. Nós também. Mas algo mais.
E sei que você deve estar se perguntando:
"Mas eu sou metade bicho". Principalmente em cima de outra metade.
Ou às vezes embaixo. Enfim.
Você pode ser bicho por inteiro.
Pode ser bicha, também.
Não importa. O que importa é que
Parte de mim só quer saber de dividir cromossomos.
A outra parte não quer dividir nada.
A outra parte quer você por inteiro.
E agora (p. 48).

Demonstra assim o que nunca é óbvio em um contato sexual fortuito: o sexo (erotismo) problematizado como questão humana, inerente ao homem e à mulher e ao *gay* ou a quem quer que seja. Raramente havendo, salvo em relações sexuais com profissionais do sexo, relações eróticas sem outros interesses, tais como amor, posse e todas as possíveis paixões.

Destacamos também o subtítulo V do poema "O manual prático do erotismo", que se chama "Do prosaico e do poético". De fato, ao dizer em seu poema que "Para se erotizar, é necessário ser poético" e que "O prosaico não dá conta do poético", o poeta eleva o erotismo a uma condição superior à fatuidade do sexo, diga-se: ao sexo apenas biológico, fenotípico e ou genético que tem suas pulsões em todas as espécies, principalmente a humana, para a qual o sexo é tão importante e por isso mesmo vulgarizado, prosaico, e ao dizer que "A treliça dos corpos / Fina, rebuscada, embolada / Uma teia complexa" existe, Amorim nos enseja a pensar algo além do corpo, muitas vezes prosaico, a nos mostrar muito mais uma diferença de grau de importância relativa ao sexo exercido por catarse, inferiormente posicionado ao sexo vivido como erotismo, quando o amor é presente em toda a sua complexidade, porque o amor faz parte do erotismo, faz parte da poesia, enquanto o sexo, qualquer sexo, independentemente de gênero, é apenas sexo.

Talvez seja presunção dizer que somente quem amou sabe o erotismo, somente quem se apaixonou sabe o erotismo, somente quem viveu e dialogou o amor sabe o erotismo, sabe "Uma teia complexa", teia essa tantas vezes decorrente de um se apaixonar por alguém, quando o se dar a conhecer traz o choque de realidades sempre existente entre amantes que relacionam a própria subjetividade com o corpo, enquanto o corpo possa se relacionar com outro corpo a partir dessa outra subjetividade, quando as pessoas se conheçam também além do corpo apenas, corpo prosaico, quando isso não acontece.

O autor fala do corpo subjetivado, corpo humano, e prescinde de detalhes anatômicos sempre tão sedutores a tantos poetas, sem com isso deixar de ser provocativo, demonstrando haver no erotismo um pudor, ao menos algum pudor, em relação ao corpo tantas vezes e milhões de vezes e trilhões de vezes à mostra na mídia ou como instrumento de sedução, quando, então, é vazio.

Interessante registrar que o poeta divide o corpo, ou se divide no corpo, em duas partes: o corpo biológico, genético, que quer “dividir cromossomos” e “a outra parte que não quer dividir nada”: a subjetividade! E a treliça (“A treliça dos corpos / Fina, rebuscada, embolada / Uma teia complexa”) contém, ainda, além de si, o fenótipo do outro e a subjetividade do outro, sem a qual o corpo deixa de ser erótico, também quando o poeta é o outro do outro a que se refere, sendo essa a treliça ou talvez o limite que o outro do outro ao poeta também traz à realidade, da mesma forma que o poeta o faz, para somente dentro de tal condição haver a solução de continuidade erótica entre dois corpos gozosos, porém nem sempre eróticos, entendido Eros como o amor.

Na última parte do livro tem o subtítulo “O mosaico das palavras”, em que o poeta busca se localizar no tempo e no espaço, localizar o ser no tempo e no espaço, como no poema “O monólito” (p. 68).

Definido um espaço, qualquer jogo de montar pedras próximas pode vir a formar um mosaico, o monólito, por sua vez, possui simbologia ímpar entre todas as pedras. Stanley Kubrik, em seu filme *2001 – uma odisseia no espaço*, lançado em 1968, logo no início do filme assinala o primata vibrante ao descobrir poder jogar um toco de madeira no ar – espaço: ar! Local onde começa o infinito, onde começa o universo. Cinematograficamente o toco de pau, ao alcançar alturas, se transforma em *O monólito*, pedra onde se assenta o desenvolvimento da tecnologia, respeitada a premissa de que a partir dessa descoberta primata, ancestral do homem, começou a se mover com mais desenvoltura no tempo e no espaço.

Em seu poema "O monólito", Amorim faz viajar o ser no espaço das camadas do tempo em suas diversas direções (mosaico), mas ao simbolizar o ser como um mosaico ainda assim faz o poema ser contido em um espaço em organização, capaz de se expandir ou se blindar, o autor nos declama: "Eu sou / Eu sou aquele que foi / Aquele que é Aquele que sempre será".

Aquele: Aquele no verso Aquele que é Aquele que sempre será é mesmo no meio do verso usado em letra maiúscula: Aquele; não se trata de pensar aqui em poesia mística, cremos ser a letra maiúscula do Aquele no meio do verso muito mais relacionado com a deificação do poeta do que do próprio Deus. Se Deus não existisse, o homem inventava, Deus é poesia e é poeta, porque a poesia, ao menos a de boa qualidade, sempre tem uma função ontológica. Deus representa mais que Deus: representa uma essência, e cremos ser nessa essência a viagem no tempo e no espaço que o poema "O monólito" nos enseje a pensar, é aceita uma herança de quem veio antes, quem veio antes também possibilita a viagem, há uma face anterior que o poeta reconhece. Há "O corpo blindado da chuva", como escreveu em um dos versos do poema, referindo-se à proteção que todo ser humano carece para crescer e se desenvolver, entendido aqui o crescer como adquirir uma estatura óssea final e o desenvolver como a aquisição de funções, sejam elas fisiológicas, cognitivas, funcionais ou intelectuais. Todas essas funções reconhecidas pelo pensamento.

Em um mundo onde há o predomínio das sensações sobre os sentimentos, a janela aberta pelo livro *O breviário do silêncio* derrama sobre os olhos dos leitores possibilidade da palavra como emoção em um momento histórico em que o povo do mundo é induzido a não elaborar o pensamento nem a partir da emoção e muito menos do sentimento, e esse é o silêncio sutilíssimo do livro, e essa palavra não dita, mas que provoca muito mais a emoção do que a diz para que assim a janela aberta abra olhos e abraços, é que é o mistério e a mítica do silêncio desse poeta que tem nas mãos a força da emoção, nas veias a tinta do pensamento e na poesia essa expressão sentida de dizer ao se dizer e ao se dizer espelhar em muitos o sentido do amor.

A caneta do poeta Anaximandro Amorim é o seu próprio corpo em busca de harmonia, de como andar pelo mundo, se apresentando em sinfonia e harmonia na naturalidade que só a música confere ao gesto, que só a poesia torna incontida. Tenta, assim, a partir dessa volição e desse determinismo emocional e cognitivo, muito mais emocional do que psicológico, trazer uma capilaridade ao seu fazer poético pela qual o seu fazer poético ascenda lentamente e com firmeza, sem tibiezas no olhar de se mostrar com o pudor que a beleza tem e sem o medo que a vulgaridade e a catarse sempre imiscuem em textos de poetas inconsistentes.

O que dizer mais de um livro de tal qualidade que cumpre plenamente a função ontológica da poesia? O ir significando parece ser o que dá sentido à sua poesia, sendo mais importante até do que o significado e o significante na confusão dos sentidos da contemporaneidade, quando o falso charme está na falta de clareza, clareza que não falta como luminosidade na obra de Anaximandro Amorim.

A possibilidade da palavra como emoção em um momento histórico em que o povo do mundo é induzido a não elaborar o pensamento, nem pela emoção e muito menos pelo sentimento, esse é o silêncio sutilíssimo do livro, essa palavra não dita, mas que provoca muito mais a emoção do que a diz para que assim a janela aberta abra olhos e abraços. São o mistério e a mítica do silêncio desse poeta que tem nas mãos a força da emoção, nas veias a tinta do pensamento e na poesia essa expressão sentida de dizer ao se dizer e ao se dizer espelhar em muitos o sentido do amor.

Eis por que a poesia de Anaximandro Amorim é volitiva, nela o desejo de amar é mais que um desejo, uma vontade, no sentido schopenhauriano, tendo sido Schopenhauer o filósofo que pôs a vontade humana acima de tudo, mas se a filosofia põe o pensamento acima de tudo, na poesia de Amorim o pensamento só faz sentido com a janela aberta do sentir o mundo e, ao ser sentido pelo mundo, ser pensamento preche de sentimento e expressão de um modo de pensar e de sentir, sem divisão entre coração e mente, sempre em demonstração do encontro do espírito com o corpo, o que faz o poeta se insurgir contra o

espírito do tempo hodierno, em que a alienação tem levado enormes rebanhos à
incomunicabilidade.

Recebida em: 17 de dezembro de 2018.
Aprovada em: 25 de março de 2019.